

O FAZER ETNOGRÁFICO NO CIBERESPAÇO

Marcelo da Silva Ribeiro

Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: posgrads@ufc.br

Resumo do artigo: Diante de um cenário contemporâneo de profundas transformações sociais, entre elas o expressivo aumento de contextos interacionais vivenciados na Internet, novas questões despontam como urgente no campo das pesquisas na área das Ciências Sociais. Entre elas, rever e reformular proposições metodológicas, refletir sobre métodos e teorias despontam como as mais urgentes. O objetivo desse artigo é apresentar uma reflexão sobre a utilização do método de pesquisa para estudos sobre ambientações online. Para tal empreendimento, o percurso metodológico percorrido se deu por meio de um criterioso levantamento bibliográfico da literatura de maior referência que trata especificamente do tema do “fazer etnográfico” no ciberespaço. Essa pesquisa de bibliografia forneceu subsídios teóricos e metodológicos para a discussão proposta por esse artigo, onde autores como Artur Escobar (1994), Robert Kozinetz (1998), Cristina Hine (2000), Sherry Turkle (1995), Rifiotis et al. (2012) e outros contribuem com suas percepções sobre o debate em volta das possibilidades para etnografia abertas pelas experiências interacionais entre indivíduos no ciberespaço. Uma das conclusões que o artigo em questão traz é que para além de uma reformulação, a etnografia precisa ser “melhor compreendida” pelas áreas que pretendem a usar.

Palavras-chave: Etnografia, Ciberespaço, Ciências Sociais.

Introdução

De acordo com a literatura acadêmica foi na década de 90, juntamente com o “boom” da internet, que se iniciaram as pesquisas sobre as formas de interação sociais vivenciadas em contextos de interconectividade. Artur Escobar (1994) é apontado como um dos primeiros antropólogos a chamar atenção sobre a importância dos estudos antropológicos na era da internet. Segundo ele, a antropologia da cibercultura não deve reportar a ideia da criação de um novo ramo da disciplina, de acordo com ele, a antropologia e seu projeto etnográfico já se encontram bem equipados para começar a descrever e lançar novas leituras analíticas sobre as transformações sociais e culturais ligadas ao desenvolvimento tecnocientífico da sociedade:

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

The anthropology of cyberculture similarly holds that we can assume a priori neither the existence of a new era nor the need for a new branch of anthropology. Indeed, the discipline is in principle well suited to what must start as a rather traditional ethnographic project: to describe, in the manner of an initial cultural diagnosis, what is happening in terms of the emerging practices and transformations associated with rising technoscientific developments (ESCOBAR, 1994, p.216).¹

Diante desse cenário, uma nova demanda desponta como urgente no campo das pesquisas na área das Ciências Sociais. Essa demanda diz respeito a forma como as produções de áreas como a sociologia, antropologia, ciência política etc. se comportam diante desse novo paradigma. Para tal, alguns passos precisam ser dados, como rever e reformular proposições metodológicas, refletir sobre métodos e teorias.

É diante desse contexto que desponta e se justifica este artigo. O presente trabalho tem como objetivo lançar olhares e reflexões sobre o uso da etnográfica (tradicional método de pesquisa qualitativa específico das ciências sociais, sobretudo da antropologia e sociologia) para estudos sobre ambientações digitalizadas, particularmente em redes sociais da internet.

Metodologia

Tendo em vista que o escopo deste artigo é o de abordar de forma teórica como o método etnográfico vem sendo usado em pesquisas qualitativas desenvolvidas na esfera da interatividade online, para tal empreendimento, o presente estudo foi baseado em um levantamento bibliográfico que, por sua vez, pode ser dividido em dois momentos. O primeiro, diz respeito a uma revisão da literatura de referência na área, trabalhos de cunho teórico e metodológicos que são reconhecidos como referências básicas e indispensáveis para os que pretendem fazer estudos sobre as relações sociais dentro do ciberespaço. O segundo momento é mais específico, ele está voltado para uma pesquisa sobre os trabalhos nacionais do campo das ciências sociais, sobretudo da sociologia e antropologia; nesse espaço, focou-se em pesquisas acadêmicas como teses, dissertações e artigos produzidos no Brasil e que tiveram como norte temático o estudo etnográfico do que o sociólogo americano Howard

¹ Em tradução livre: "A antropologia da cibercultura também sustenta que podemos assumir a priori nem a existência de uma nova era nem a necessidade de um novo ramo da antropologia. Na verdade, a disciplina é, em princípio, bem adaptada ao que deve começar como um projeto etnográfico bastante tradicional: descrever, à maneira de um diagnóstico cultural inicial, o que está acontecendo em termos de práticas emergentes e transformações associadas ao desenvolvimento tecnocientífico em ascensão".

Rheingold (1994) chamou de “comunidades virtuais”, particularmente as que constituíram nas redes sociais da internet, como Orkut, Facebook etc.

Resultados e Discussão

O debate em torno do alcance da etnografia para pesquisa no mundo digital foi ultrapassando os limites da própria disciplina antropológica, e ganhando espaço em áreas como da comunicação social e a sociologia da ciência. Robert Kozinetz (1998), pesquisador da área do comportamento do consumidor e marketing, sugeriu uma “adaptação” semântica e metodológica do método etnográfico, para que fosse possível praticá-lo nesse novo campo, que ele chamou de netnografia. Segundo Kozinetz, esse “ajuste” maximizaria o tempo de trabalho do pesquisador, trazendo vantagens para própria pesquisa, tendo em vista que todas as informações poderiam ser colhidas diretamente da tela.

Autoras como Cristina Hine (2000) e Sherry Turkle (1995) também tiveram uma relevante contribuição nesse debate. Ao cunhar o termo “virtual ethnography” (etnografia virtual), por exemplo, Cristina Hine se mostrou preocupada com as dimensões epistemológicas, conceituais e metodológicas da teoria etnográfica moderna, e levou em consideração muitas faces do debate sobre o método etnográfico, discussões bastante caras as ciências sociais, sobretudo, para antropologia. Para esta autora, os estudos etnográficos “na” e “da” web se dividiriam em dois grandes grupos: o primeiro, o que entende a internet como um “artefato cultural”, cujo sentido está inteiramente dependente daqueles que a criam cotidianamente, dando prioridade a abordagem em cenários exteriores a ele, focando nas pesquisas em ambientes fora da rede (offline). O segundo grupo, compreende o ciberespaço como um cenário cultural e social, onde dinâmicas interativas possuem lógicas próprias que dependem da confluência de sentidos e interesses atribuídos por seus usuários, e diferentemente do primeiro grupo, foca na pesquisa sobre a experiência da comunicação mediada por computador (CMC), centrando nos processos de relações sociais online.

De acordo com Hine (2000, p. 61), é preciso pensar e explorar a perspectiva da “etnografia multisite”, compreendida como um verdadeiro engajamento no sentido da exploração das possibilidades de interatividade e das experiências de conectividade presentes no ciberespaço. Segundo Cristina Hine, os estudos dos fenômenos presentes no campo da cibercultura exigem a tomada de uma posição que privilegie a observação e descrição dos fluxos em detrimento tanto das extensivas descrições

generalistas que focam no lugar, segundo ela, algo bastante comum em trabalhos de um caráter “internalista” sobre a cibercultura quanto dos relatos abrangentes em que podem vir a sucumbir as abordagens da internet como um artefato cultural, muito comum em pesquisas “externalistas” e, característica de muitos trabalhos sociológicos (HINE,2000, p.62). De acordo com a autora, com esse entendimento, os pesquisadores se habilitam a explorarem etnograficamente as ações e os processos da vida cotidiana presentes no ciberespaço, sem que se caia no terreno puramente das análises textuais, desse modo, abre-se espaço para trabalhos que forneçam contribuições para o entendimento das relações sociais que se constituem na esfera virtual. Por fim, é importante sinalizar que Cristina Hine procurou não diminuir a complexidade dos fenômenos produzidos online e de suas possibilidades interpretativas ao criticar e não defender a mera “transposição” da etnografia tradicional à esfera da “comunicação mediada por computador”, nos termos propostos pela netnografia de Kozinetz (1997).

No Brasil, essa discussão sobre o fazer etnográfico nas pesquisas “da” e “na” internet encontrou ressonância, principalmente no campo da comunicação e antropologia. Segundo o antropólogo Rifiotis et al. (2012), para grande maioria dos pesquisadores na área da comunicação, sobretudo os adeptos da netnografia, a etnografia é vista como uma “ferramenta”, uma “técnica”, um “método” privilegiado para pesquisa no ciberespaço. Contudo, de acordo com esse autor, a visão que esses pesquisadores possuem os levam a reduzir “a importância da dimensão que, pode-se dizer, é constitutiva da própria teoria etnográfica: a dimensão da experiência, fundada no exercício de imersão do pesquisador nos domínios da “vida nativa” (RIFIOTIS et al. 2012, p.305).

Em um caminho oposto ao desse “ajuste”, a antropologia no ciberespaço, particularmente a defendida pelos integrantes do GrupoCiber², sugere uma revisão reflexiva sobre os pressupostos e premissas clássicas do método antropológico, a fim de pensar estratégias e mecanismos para a realização do empreendimento etnográfico no contexto das “redes sociotécnicas” (SEGATA,2014)³. Em 2008, influenciados pelas possibilidades teóricas

² Grupo de pesquisa em ciberantropologia ligado a Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, formado por nomes importantes na pesquisa antropológica em ambiente online como os antropólogos Rifiotis e Jean Sagata.

³ Segundo Jean Segata (2014) o termo “sociotécnico” fazia alusão a duas características que coexistiam dentro das redes sociais da internet; o “sócio” fazia menção aos atores sociais envolvidos e suas práticas, e o “técnico” era composto pelo cenário, a plataforma, a internet etc. “O sociotécnico seria então um rótulo dessa síntese que entendia o sócio como conjunto humano e o técnico como o conjunto das demais coisas, não humanas” (SEGATA, 2014, p.81).

e metodológicas abertas pela “teoria ator-rede” (ANT: Actor-network theory), defendida por Bruno Latour (2012), parte do grupo dos antropólogos ligados ao GrupoCiber promoveram em seus trabalhos o que eles chamaram de “virada sociotécnica” da antropologia no ciberespaço.

Norteados por suas leituras e interpretações das noções de “mediador” e “intermediário”, agência humana e agência “não-humana”, redes - todas tributárias dos escritos de Bruno Latour-, esses antropólogos propuseram a prática de uma “antropologia simétrica” (LATOOUR,2012), que considerasse a atuação de entes “não-humanos” nos processos de associações presentes na comunicação mediada por computador (CMC).

Com o intuito de rastrear as redes de associações, como proposto metodologicamente pela “teoria ator-rede” latouriana, esses pesquisadores começaram a propor o que vieram a chamar de “repovoamento da cibercultura”, tarefa que seria realizada por meio da descrição etnográfica influenciada pela proposta dos “relatos ATN”, defendida por Bruno Latour (2012, p.189):

Em palavras mais simples: um bom relato ANT é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando. Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova transição.

Esse repovoamento se daria a partir do momento em que as pesquisas antropológicas refletissem sobre a importância das agências dos objetos, pois, acreditavam que, se outrora a antropologia clássica levou em consideração o “poder mágico” de determinadas entidades não-humanas, então, por que agora, no contexto da cibercultura, não poderia considerar a capacidade de influência desses entes técnicos que compõe todo o emaranhado do contexto cibernético, como as redes wireless, computadores, fios, pixels, algoritmos e códigos numéricos? Grosso modo, o objetivo é o de superar a perspectiva de que apenas as pessoas agem nesse *locus* de interação, e, mais do que apenas meio de transporte de informação ou dados, esses objetos técnicos também são “actantes”⁴ nesse contexto. Para finalizar essa seção, e, por conseguinte, esse capítulo, é necessário dizer que em certa medida

⁴ Bruno Latour (2001) se utiliza do termo “actante” para designar aqueles atores, seja humanos ou “não-humanos”, que desenvolvem ou participam diretamente de alguma ação. O termo aparece como alternativa ao de “ator social”, como o usado pelas clássicas definições da “sociologia do social”. Segundo Bruno Latour (2001, p.346), “[...] O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz – seus desempenhos – no quadro dos testes de laboratório. Mais tarde, sua competência é deduzida e integrada a uma instituição. Uma vez que, em inglês, a palavra “actor” (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes “actant” (actante), termo tomado à semiótica para incluir “não-humanos” na definição.

que a escrita desse trabalho se encontra influenciada por grande parte das ideias expostas nessa seção, sobretudo as que dizem respeito ao “repopoamento da cibercultura” e sobre os relatos ATN.

Conclusões

De acordo com o antropólogo Guilherme Magnani (2002, p.17) “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”, perspectiva a respeito da “etnografia” da qual, assim com outras que serão apresentadas ao decorrer desse texto, compartilho nessa pesquisa. Em uma etnografia, “[...] o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos” (MALINOWSKI 1998, p. 18-19).

O primeiro passo para aqueles que pretendem usar a etnografia como método de pesquisa em trabalhos sobre contextos interacionais online, é o de entender que a etnográfica não é apenas uma ferramenta de pesquisa, mas sim um método de compreensão que tem como objetivo a busca pelos mecanismos sociais envolvidos no campo que se pretende analisar, como aponta Giumbelli (2002, p. 102) “[...] ‘o objetivo fundamental da pesquisa etnográfica’ deve ser buscado a partir de uma variedade de fontes, cuja pertinência é avaliada pelo acesso que propiciam aos “mecanismos sociais” e aos “pontos de vista” em suas “manifestações concretas”. O método etnográfico é antes de mais nada uma “maneira de conhecer a vida social” de um grupo social específico, como defende Frehse (2011, p. 35) ao dizer que etnografia é:

[...] antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social. Sua peculiaridade: sua fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo e sua alma, em sua inteligência essencialidade), da imprescindibilidade da busca por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro denominou ‘diálogo para valer’ com o Outro sendo o conhecimento forjado justamente a partir dos resultados desse diálogo.

Para se atingir esse “diálogo para valer” com qualquer que seja o campo ou atores sociais que se busque pesquisar, estejam eles em uma ambientação digital como nas redes sociais da internet, seja em uma tradicional

ambientação física, antes de mais nada, é preciso realizar um criterioso, rigoroso, e, acima de tudo, humanizado trabalho de campo, tendo em vista que, por mais que a realidade que me proponho a analisar, seja digitalizada ou não, os “dados do campo” não me esperam em uma aba ou link, eles estão invisíveis, e para identificá-los é fundamental entender que “o trabalho de campo é sobretudo uma atividade construtiva ou criativa, pois os fatos etnográficos ‘não existem’ e é preciso um método para a descoberta de fatos invisíveis por meio da inferência construtiva” (GOLDMAN, 2003, p. 456).

Come efeito, podemos inferir que o método etnográfico transpõe as barreiras de sua disciplina fundadora, a antropologia, no entanto sua apropriação por alguns pesquisadores de outras áreas, particularmente, no caso analisado neste artigo, por aqueles que se dedicam a estudar práticas interativas na esfera online, ainda é repleta de lacunas, elipses e pontos de interrogação. Por fim, mais do que reformular o método etnográfico é preciso, antes de mais nada, um melhor entendimento de suas particularidades e alcances.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1, 3 a edição, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. **Current Anthropology**, U.S.A., v. 35, n. 3, p. 211-231, june 1994.

FREHSE, Fraya. **Ô da rua**. O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, v. 46, n. 2, São Paulo, 2003.

_____. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v. X, n. 1, p. 161-173, 2006.

_____. “Os tambores do antropólogo: Antropologia pós-social e etnografia”. **PontoUrbe**, ano 2, versão 3.0, julho, 2008.

_____. Da existência dos bruxos: ou como funciona a antropologia. **R@u: Revista de Antropologia da**

UFSCAR, São Carlos, v. 1, n. 6, p.07-24, jan/jun, 2014.

HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres, Sage, 2000, p.192.

KOZINETS, R. **On netnography**: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. Evanston, Illinois, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, p. 379, 2008.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e na vida social na cultura contemporânea. PortoAlegre: Sulina, 20013.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** São Paulo: Ed. 341, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo. Edições Loyola, 1998.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, São Paulo, jun. 2002.

_____. A etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, Porto Alegre, jul. /dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. **Os Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural; 1998.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual**: Una Sociedad sin Fronteras. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona, 1994.

RIFIOTIS, T. et al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Edufsc, 2010.

RIFIOTIS, T. et al. A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no

ciberespaço. In: MALDONADO, A.E. et al. (Orgs.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012.

_____. Etnografia no ciberespaço como “repopoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 31, n. 90, p.85-99, fev. 2016. Semestral. ANPOCS.
<http://dx.doi.org/10.17666/319085-98/2016>

SEGATA, Jean. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**: uma antropologia no ciberespaço. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

_____. A Etnografia como Promessa e o “Efeito Latour” no Campo da Cibercultura. **Ilha R. Antropologia**, [s.l.], v. 16, n. 2, p.69-87, 15 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

TURKLE, S. 1995. **La vida en la pantalla**. Barcelona, Paidós, 414 p.

